

Telma de Barros
Correia

b

RATKE e O PROJETO
CIVILIZATÓRIO DA ICOMI

RESUMO

O artigo discute a filiação das soluções projetuais utilizadas por Oswaldo Bratke, nos projetos para Serra do Navio e Vila Amazonas, contratados pela Icomi na década de 1950, os quais se notabilizaram pelos estudos cuidadosos e soluções eficientes relativas a conforto. Sem querer negar os aspectos inovadores presentes nesses projetos, este artigo volta-se à análise da filiação das soluções de projeto e de gestão dos núcleos residenciais concebidos por Bratke, sublinhando como algumas delas mostram-se intimamente vinculadas a procedimentos usuais na história de núcleos fabris, os quais se revelam restritivos quanto à autonomia de seus moradores. Entende-se que, se o projeto de Bratke revela-se inovador na busca de soluções projetuais coerentes com o clima e as especificidades locais, ele se mostra extremamente conservador com relação à concepção geral do núcleo. Sob o último aspecto, incorporou uma rígida divisão social do espaço, adotou estratégias de desenho visando promover segregação dos solteiros e evitar as concentrações dos moradores nos espaços públicos, sugeriu providências de gestão voltadas ao controle do tempo livre e ao combate ao ócio dos moradores (via promoção de concursos referentes à conservação de casas e jardins, do incentivo ao cultivo de hortas nos quintais, etc.). Serra do Navio, particularmente, foi concebida como uma comunidade isolada, na qual se deveria evitar o contato com “estranhos”. Em seus escritos sobre os dois projetos, Bratke revela simpatia pela rigorosa disciplina comum em assentamentos desse tipo, recomendando apenas que a empresa exerça seus controles de forma discreta. Tal postura, aliada aos procedimentos de projeto e gestão propostos por Bratke, ampara-se, no discurso do projetista, na aposta em uma ação civilizatória na selva, por ele atribuída à Icomi, fundamentada em uma noção de “cidade” como local limpo, disciplinado e seguro.

PALAVRAS-CHAVE

Urbanismo moderno. Núcleo fabril. Habitação operária. Gestão do trabalho. Disciplina. Oswaldo Bratke. Serra do Navio. Vila Amazonas.

BRATKE Y EL PROYECTO CIVILIZADOR DE LA ICOMI

RESUMEN

El artículo discute la filiación de las soluciones proyectivas utilizadas por Oswaldo Bratke en los proyectos para “Serra do Navio” y “Vila Amazonas”, contratados por la Icomi en la década de los 1950, que se distinguieron por los estudios cuidadosos y soluciones eficientes relacionadas al confort. Sin querer negar los aspectos innovadores presentes en estos proyectos, este artículo analiza la filiación de las soluciones de proyecto y gestión de los núcleos residenciales concebidos por Bratke, subrayando como algunas de ellas se muestran íntimamente vinculadas a procedimientos usuales en la historia de núcleos fabriles, los que se revelan restrictivos en cuanto a la autonomía de sus moradores. Se entiende que, si el proyecto de Bratke se revela innovador en la búsqueda de soluciones proyectivas coherentes con el clima y las especificidades locales, también se muestra extremadamente conservador en relación a la concepción general del núcleo. Bajo ese último aspecto, el proyecto ha incorporado una rígida división social del espacio, adoptado estrategias de diseño visando promover la segregación de las personas solteras y evitar las concentraciones de moradores en los espacios públicos, sugiriendo providencias de gestión volcadas hacia el control del tiempo libre y al combate al ocio de los moradores (a través de la promoción de concursos referentes a la conservación de casas y jardines, del incentivo al cultivo de huertos en los patios, etc.). “Serra do Navio”, particularmente, fue concebida como una comunidad aislada, en la que se debería evitar el contacto con “extraños”. En sus escrituras sobre los dos proyectos, Bratke revela simpatía por la rigurosa disciplina común en asentamientos de este tipo, sólo recomendando que la empresa ejerciera sus controles de forma discreta. Tal postura, aliada a los procedimientos de proyecto y gestión propuestos por Bratke, se ampara en el discurso del proyectista en la apuesta en una acción civilizatoria en la selva, atribuida por él a la Icomi, fundamentada en una noción de “ciudad” como lugar limpio, disciplinado y seguro.

PALABRAS CLAVE

Urbanismo moderno. Núcleo fabril. Vivienda obrera. Gestión del trabajo. disciplina. Oswaldo Bratke. Serra do Navio. Vila Amazonas.

BRATKE AND THE ICOMI'S CIVILIZATION
PROJECT

ABSTRACT

The paper discusses the sources of design solutions used by Oswaldo Bratke in the projects for *Serra do Navio* and *Vila Amazonas*. The projects were awarded by Icomi in the 1950's, and distinguished themselves by a careful study and effective solutions related to thermal comfort. Without denying the innovations present in these projects, this article turns to an examination of the source of project and management solutions proposals by Bratke, by highlighting how some of them appear to be closely linked to usual procedures in the history of company towns, which reveal themselves restrictive regarding the autonomy of its residents. It is understood that if Bratke's project reveals innovative design solutions consistent with the climate and local conditions, on the other side it shows to be extremely conservative about the overall design. It was adopted a rigid social division of space, design strategies to promote segregation of the singles and to avoid concentrations of residents in public spaces, suggested management measures to control the residents's free time (as promotion of competitions relating to the conservation of houses and gardens, encouraging the cultivation of vegetable gardens in backyards, and so on). *Serra do Navio*, in particular, was conceived as an isolated community in which contact with "outsiders" should be avoided. In his writings on the two projects, Bratke shows sympathy for the strict discipline which is common in settlements of this kind, recommending only that the company exercises discreetly its controls. This attitude and the design and management procedures proposed by Bratke, are supported by his belief in a civilizing action in the jungle as a result of Icomi's politics, based on a notion of "city" as a clean, orderly and safe place.

KEY WORDS

Modern urbanism. Company town. Workers' housing. Work management. Discipline. Oswaldo Bratke. Serra do Navio. Vila Amazonas.

INTRODUÇÃO

Na historiografia brasileira de arquitetura e urbanismo, os núcleos residenciais de Serra do Navio e Vila Amazonas¹ – projetados pelo escritório de Oswaldo Bratke, na década de 1950, consagraram-se como exemplos de projetos inovadores. Foram objeto de admiração de visitantes e da curiosidade de especialistas. Entre os entusiastas das vilas da Icomi, situa-se a escritora Raquel de Queiroz, que, em matéria publicada na revista *O Cruzeiro*, em 1965, declarava:

A Icomi é um milagre dentro da região amazônica. Duas pequenas cidades que parecem o sonho de um urbanista lírico [...]. Nas cidades há escolas, hospital moderno, supermercado, clube, piscina e cinema. As casas dos operários são tão boas e bonitas que a gente fica pensando com melancolia naqueles arruados tipo vila de conferência vicentina que se constroem no Rio para abrigar favelados. Água, esgotos, telefones e o mais que é preciso para garantir o conforto moderno naquelas duas ilhas abertas no meio da mata (RIBEIRO, 1992, p. 84-85).

Várias pesquisas no campo da arquitetura e do urbanismo abordam esses núcleos, enfatizando especialmente qualidades de conforto ambiental. As pesquisas de Farah, F.; Farah, M., 1993; Oliveira, Fleury de, 1993; RIBEIRO, 1992; Segawa, 1997 são exemplos, nesse sentido. Conforme Mônica Junqueira, trata-se de

uma arquitetura que soube responder com extrema criatividade às circunstâncias de seu tempo e lugar, e que ocupa lugar privilegiado na trajetória do arquiteto, que é personagem fundamental da produção moderna brasileira [...] (CAMARGO, 2008, p. 3).

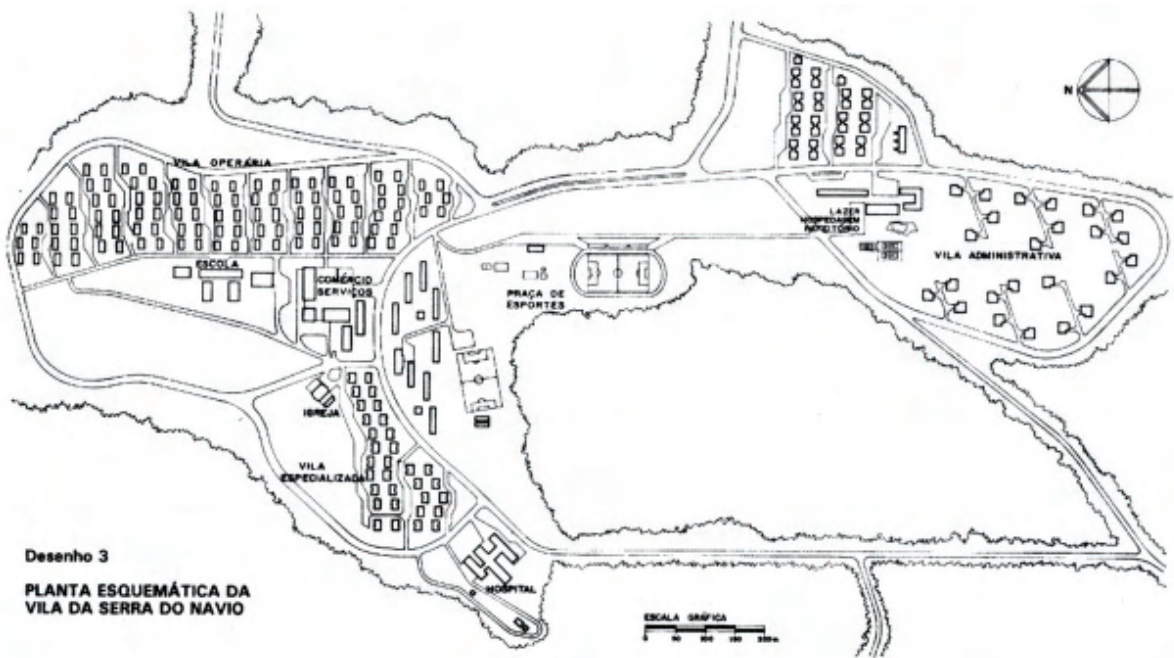
Outro aspecto digno de nota foi a oportunidade, rara, que esses projetos ofereceram ao escritório de Oswaldo Bratke, de realizar um plano integral, incluindo projetos de arquitetura, urbanismo, paisagismo, mobiliário e utensílios.

Sem querer negar os aspectos inovadores presentes nesses projetos, este artigo se volta à análise da filiação das soluções de projeto e de gestão dos núcleos residenciais concebidos por Bratke, buscando mostrar como algumas delas mostram-se intimamente vinculadas a procedimentos usuais na história de assentamentos dessa natureza, os quais se revelam restritivos quanto à autonomia de seus moradores.

Serra do Navio e Vila Amazonas já tiveram seus planos urbanísticos amplamente descritos, estudados e analisados pelos autores citados neste artigo, de modo que cabe aqui apenas uma breve menção às suas características.

Os dois núcleos residenciais projetados tinham o mesmo porte (previsão de 2.500 moradores), programas semelhantes e diretrizes projetuais coincidentes em vários aspectos. Ambos tiveram o espaço estruturado em cinco zonas de usos e dois setores sociais: zona habitacional operária, área para residência de solteiros, zona residencial para chefes, junto à qual se situa clube e hotel, área para equipamentos coletivos e comércio, e área para esportes. Sobrepondo-se às zonas, havia um setor

¹ Serra do Navio e a Vila Amazonas foram erguidas pela Icomi, integrando um empreendimento voltado à extração e beneficiamento de manganês, que incluía a execução de obras e serviços de infraestrutura, tais como porto, canal de navegação, ferrovia, rodovias, energia elétrica, comunicações, suprimento de alimentos, abastecimento de água, esgoto, coleta de lixo e dois assentamentos residenciais.



Desenho 3
PLANTA ESQUEMÁTICA DA
VILA DA SERRA DO NAVIO

Figuras 1 e 2: Planos concebidos por Oswaldo Bratke para as vilas Serra do Navio e Amazonas
Fonte: FARAH, 1993, p. 20



Desenho 4
PLANTA ESQUEMÁTICA DE
VILA AMAZONAS

destinado aos dirigentes e outro aos operários, os quais se diferenciam pelos modelos e tamanhos das casas, em termos de densidade de ocupação e de desenho viário. O setor destinado aos chefes tinha uma maior proporção de áreas verdes e algumas vias internas em *cul-de-sac*. Em ambos os planos, procedeu-se a uma divisão das vias entre as de distribuição, no contorno das superquadras – e as internas, para pedestres e veículos, algumas das quais terminando em *cul-de-sac*. Em ambos, as residências de solteiros, situadas próximas aos equipamentos coletivos, reuniam blocos destinados a dormitórios, refeitório e sala de estar, interligados por passarelas. Uma praça cívica foi criada, nos dois casos, articulando em torno de si equipamentos coletivos, como repartições diversas, lojas e supermercado, administração da vila, igreja e clube. Nos dois projetos, as áreas livres foram gramadas, ajardinadas e arborizadas com árvores decorativas ou frutíferas e sem cercas delimitando os jardins frontais das casas.

Os dois núcleos se diferenciam, basicamente, na relação que a Vila Amazonas estabelece com o rio, e pela menor distância entre os dois setores existentes nesse núcleo. Em Serra do Navio, o terreno contribuiu para a opção pela implantação em duas áreas distintas – o topo de duas colinas –, separadas por espaço vazio correspondente ao vale entre elas.

Serra do Navio, além de moradias – cerca de 550 casas –, contava com alojamentos para solteiros, hotel, escola de primeiro grau, igreja, local para comércio e serviços, cinema, clube com cineteatro, clube esportivo, centro médico, administração local e sala do conselho, agência de correio, cartório, juizado de paz, delegacia e cadeia, banco, cemitério e velório. Era um núcleo residencial isolado, situado junto da mina, na selva, com acesso possível apenas pela estrada de ferro da Icomi. Nele, o setor destinado aos chefes se subdividia em três áreas: a ocupada pelas casas do tipo DD; a ocupada pelas casas do tipo CC; e a ocupada por alojamento masculino e feminino, hotel e clube. O outro setor se encontrava dividido em quatro áreas: a ocupada pelas casas do tipo B e C; a ocupada pelas casas do tipo A; a ocupada pelo restaurante e pelos alojamentos para solteiros; e, em ponto central, a ocupada por equipamentos coletivos, escola, clube, administração da vila e local para comércio. Em uma das extremidades desse setor, foi implantado o hospital. Entre os dois setores, foi disposta uma área para esportes. A ideia inicial, de usar o clube como local de culto, foi substituída pela criação de um templo ecumênico. Nessa tentativa de fazer as atividades religiosas dividirem espaços com outras atividades, ou se concentrarem em um espaço único compartilhado por vários grupos religiosos, vislumbra-se uma busca de otimização do uso dos espaços, solidária com uma noção de eficiência tributária do utilitarismo burguês.

A Vila Amazonas tinha um programa um pouco mais restrito: moradias, alojamentos para solteiros, hotel, escola, igreja, local para comércio, cinema, clube e centro médico. Nela, o setor reservado aos dirigentes, pessoal de nível administrativo e universitário contava com dois tipos de casas, alojamentos para solteiros, hotel e clube. Além de padrão construtivo superior, esse setor foi privilegiado em termos paisagísticos: foi implantado nas margens do rio Amazonas e tinha maior proporção de áreas verdes. Suas vias terminavam em *cul-de-sac*. O setor destinado aos operários reunia moradias, escola, local para comércio e serviços. O hospital foi implantado entre os dois setores, enquanto uma área para esportes foi criada nas margens do rio Amazonas.

A FILIAÇÃO DAS SOLUÇÕES

Na base das decisões projetuais adotadas em Serra do Navio e Vila Amazonas, a economia de meios – coerente com a natureza capitalista do empreendimento que os gerou, é central. A competente adequação às condições locais é um aspecto amplamente conhecido dos projetos. A mobilização de soluções projetuais difundidas no âmbito dos CIAMs e das cidades-jardim é evidente, em vários de seus aspectos arquitetônicos e urbanísticos.

A economia, ao lado da busca de garantir conforto em uma região de clima quente e úmido, orientou alguns aspectos do projeto das casas, semelhantes nos dois núcleos, as maiores isoladas, e as demais geminadas duas a duas. Segundo o arquiteto,

Debatida a questão planta e elevação das casas operárias, chegou-se à conclusão de que seria mais prático, tendo em vista a manutenção, reduzir ao mínimo as variações de planta que, combinadas com poucas variações de fachada, dariam um conjunto movimentado em formas e cores (BRATKE² apud SEGAWA, 1997, p. 285).

Assim, criaram-se seis tipos de casas, que se diferenciavam em relação a tamanho, número de peças e acabamentos, mas que tinham em comum o compromisso com padrões de conforto. Havia dois tipos de casas para operários, com dois ou três dormitórios e demais dependências, as quais, em Serra do Navio, eram geminadas. Existiam dois tipos de casas para pessoal de nível intermediário, das quais apenas uma tipologia foi construída na Vila Amazonas. Havia dois tipos de casas para chefes – uma, para engenheiros, e outra, para diretores –, as quais tinham três quartos, terraço, ampla sala, dependências para empregadas, cozinha e área de serviços. Para evitar a monotonia, foram introduzidas pequenas variações nas fachadas de casas semelhantes, inclusive pela pintura do exterior com certa variedade de cores. Além das casas, foram criados alojamentos para solteiros.

A adequação ao clima quente e úmido da região orientou uma série de soluções projetuais, que privilegiavam a ventilação e a proteção dos interiores contra o sol: amplos beirais (com até 1,5 m de largura); venezianas móveis ou fixas de madeira; elementos vazados; terraços; paredes internas descoladas do teto; galerias cobertas interligando os blocos de prédios de uso coletivo. Nas residências, o rasgo entre parede e teto impõe demandas de circulação de ar, sobre outras referentes a isolamento e privacidade. Para se avaliar a importância conferida aos beirais, em alguns modelos de casas, a área por eles ocupada podia corresponder a perto de metade da área construída. Caixilhos de vidro foram abolidos. Para favorecer a ventilação cruzada no interior das casas, estas foram dispostas privilegiando aberturas nas fachadas voltadas ao norte e ao sul, que correspondiam às suas fachadas frontais e posteriores. Não se integram, nesse esforço, os blocos de concreto das paredes e as telhas de cimento amianto. Entretanto, para amenizar o aquecimento dos interiores associado a essas telhas, foi criada uma abertura nos beirais, que permitia a criação de um colchão de ar entre o forro e as telhas.

A busca de economia e de adequação às condições locais balizou várias das soluções adotadas e foram utilizadas para justificar a opção pelo oferecimento das casas já mobiliadas aos moradores. Ao arquiteto, foi encomendado o desenho de móveis e luminárias, alguns produzidos em oficinas montadas no próprio local. As

² BRATKE, Oswaldo Arthur. Núcleos Habitacionais no Amapá. *Acrópole*, n. 326, p. 1-22, mar. 1966.

obras de concreto foram reduzidas, devido à escassez de materiais adequados na região. Madeiras da região foram utilizadas em pisos, forros, esquadrias e estruturas. A disposição contígua dos cômodos com instalação de água e esgotos permitiu a criação de paredes hidráulicas, barateando as obras.

O plano das vilas recupera procedimentos do urbanismo dos CIAMs e do movimento cidade-jardim, como hierarquização do sistema viário e profusão de espaços verdes de uso coletivo. As áreas livres foram gramadas, ajardinadas e arborizadas com árvores decorativas ou frutíferas. Foram eliminadas as cercas nos jardins frontais das casas. O sistema viário foi hierarquizado, com vias de distribuição envolvendo superquadras e vielas internas para pedestres e veículos (em situações emergenciais). Seu programa remete ao conceito de unidade de vizinhança.

Além dos aspectos acima mencionados, outro importante viés dos projetos de Serra do Navio e Vila Amazonas diz respeito à sua profunda inserção na tradição das *company towns*.

Em 1955 a Icomi, por meio do envio de currículos por profissionais, selecionou três desses para apresentar propostas para os dois núcleos residenciais. Entre os três, Bratke foi o único que não apresentou proposta, alegando que, por não ter experiência nesse tipo de projeto, precisava conhecer melhor o assunto antes de fazer propostas, e que essa pesquisa só seria feita depois de contratado. Assim, ao ter seu escritório contratado para desenvolver o plano urbanístico e os projetos arquitetônicos dos dois assentamentos para trabalhadores, Bratke visitou vários assentamentos ligados à mineração, situados na Venezuela, Chile, Colômbia e Caribe, pertencentes às empresas americanas United Steel e Bethlehem Steel, além do subúrbio-jardim de Hampstead, em Londres (CAMARGO, 2008, p. 9-10). Tal iniciativa teve repercussões nos projetos elaborados, os quais incorporaram aspectos recorrentes da concepção de *company towns* de empresas americanas e inglesas. Embora não seja possível apontar uma filiação direta dos planos elaborados por Bratke a algum desses assentamentos visitados por ele, seus planos para a Icomi são solidários com fundamentos básicos projetuais e de gestão que nortearam esse tipo de núcleo residencial. Tais fundamentos, em termos de desenho, dizem respeito à divisão social do espaço, à hierarquização das moradias, à ampla profusão de áreas verdes solidária com a dispersão das construções e as baixas densidades, e à segregação das áreas destinadas aos solteiros. Em termos de gestão, revelam-se nas preocupações com o uso do tempo livre, com o combate ao ócio e com o controle do uso das áreas coletivas.

Assim, embora considerasse uma medida que “*poderia parecer discriminatória*”, Bratke não hesitou em estabelecer uma rígida divisão social do espaço, dividindo as vilas em dois setores residenciais, um, para os dirigentes, e outro, para os operários, cada um deles com casas de diferentes modelos e tamanhos. Dentro dos setores, a segmentação social prossegue, com uma divisão em subsetores: para operários “qualificados” e “não qualificados”; para os funcionários de nível superior e administrativo. Cada um dos dois setores tinha clube e alojamentos para solteiros, voltados, exclusivamente, para a categoria funcional a que se destinava o setor. Para o arquiteto, essa medida – que considera aparentemente “*antipática e discriminatória*” – justifica-se pelas condições culturais e econômicas e pelas aspirações diferenciadas entre o homem pobre da região, que compôs o quadro de operários da empresa, e o “pessoal categorizado” empregado, provindo geralmente de outras regiões. Entende que os primeiros,

acostumados a moradias precárias, ficariam satisfeitos com casas econômicas e confortáveis. Já aos últimos, seria necessário oferecer maiores atrativos, para mantê-los no local, entre os quais *“a possibilidade de habitar uma casa dotada de todo conforto e até de luxo”* (BRATKE, 1966, p. 4).

Essa divisão social do espaço também se configura, conforme assinalou Roberta Rodrigues, em termos de cotas: os terrenos de cota mais alta sendo ocupados pelas casas dos engenheiros e diretores, e os de cota inferior sendo ocupados pelas casas dos operários, pelas moradias do pessoal de nível intermediário, por equipamentos urbanos, por mercado, por centro cívico, etc. (RODRIGUES, 2001, p. 100).

Atento ao padrão de moradia da população trabalhadora local, que seria arremetida pela Icomi, como revelam os desenhos de ranchos que elaborou, Bratke introduziu, nos projetos de moradias para trabalhadores, arranjos internos, como a abertura dos sanitários para as áreas de serviços, que podem ser interpretados como indício de adequação dos projetos aos costumes do morador. Entretanto, a proposta de diversas tipologias de casas, com tamanhos, número de cômodos e acabamentos diferenciados, não pode ser atribuída à sensibilidade aos costumes e padrões de moradias dos trabalhadores locais. Trata-se de procedimento correlato à divisão social do espaço, que busca refletir, no espaço, a posição do morador na hierarquia da empresa, e frequente nesse tipo de assentamento. Bratke justifica essa diferenciação, argumentando que, diante das *“condições de moradia bastante precárias”* do operário da região, uma casa econômica e salubre seria suficiente, enquanto, para o *“pessoal categorizado”*, uma *“casa dotada de conforto e até certo luxo”* seria um atrativo importante para a aceitação de emprego em local remoto (BRATKE³ apud SEGAWA, 1997, p. 278).

A dispersão das construções e as baixas densidades, coerentes com a busca de desfazer concentrações de pessoas e atividades, é um aspecto essencial da estrutura usual dos núcleos fabris, recuperado por Bratke. No caso de Serra do Navio, essa característica é intensificada pelo grande espaço vazio reservado entre os dois setores.

Se o projeto de Bratke é inovador na busca de soluções projetuais coerentes com o clima e as especificidades locais, ele se mostra extremamente conservador com relação à concepção geral do núcleo. Sob esse último aspecto, resgata procedimentos usuais em assentamentos desse tipo desde o século 19, como, por exemplo, a busca de isolar e segregar os solteiros. Nas palavras do arquiteto,

Dedicou-se especial atenção ao planejamento para os solteiros, particularmente em seu tempo livre. Todas as construções para solteiros têm amplos terraços cobertos para circulação, além de salas de estar. Clubes foram organizados a fim de que os solteiros dispusessem de locais para se divertirem por sua conta, sem invadir ou serem inibidos pelas atividades gerais (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, p. 67).

A localização dos alojamentos de solteiros em relação às residências de famílias assume importância de caráter moral, em localidades de rotina monótona. Estudado sob este aspecto, deve ser orientado o projeto em relação à localização das mesmas, evitando-se ainda a passagem obrigatória dos solteiros para acesso aos centros de interesse comum, às

zonas de trabalho, através do grupo de residências ou vice-versa
(BRATKE, 1966 apud SEGAWA, 1997, p. 284).

Para os moradores em geral, o arquiteto recupera as preocupações com o controle do tempo livre e com o combate ao ócio, comuns nesse tipo de assentamento. Também sugere procedimentos – como os concursos de jardins –, que foram amplamente utilizados, desde o século 19, em núcleos fabris no Brasil e em outros países. Bratke propõe que especialistas organizem ações desse tipo, vinculando-se a uma tendência de profissionalização dos serviços de assistência, que foi correlata à difusão do taylorismo, também denunciada no uso pelo arquiteto de noções como eficiência e espírito de competição:

É recomendável, para o convívio amistoso e duradouro em vilas como essa do Amapá, a contratação de especialistas em Relações Sociais e promotor de atividades esportivas, sociais para tornar mais cheios os momentos de ócio, evitando-se assim uma apatia nociva à vida em sociedade. Criar o espírito de competição em favor da manutenção da coisa pública e da própria casa. Estabelecer para esse fim concursos semestrais ou anuais de conservação de casas, de manutenção do verde público, de eficiência no aproveitamento dos quintais, de conservação de árvores etc. (BRATKE, 1966, apud RIBEIRO, 1992, p. 72).

Bratke propõe criar, em caráter experimental, o uso coletivo de pátios junto das casas (na parte posterior do terreno), em hortas, pomares e criação de galinhas, justificados *“como elemento útil ao orçamento da família e distração”* (BRATKE apud SEGAWA, 1997, p. 283). Esse também não é um procedimento inovador na história de núcleos empresariais. Foi adotado, desde o século 19, na Inglaterra, em Port Sunlight e em New Earswick, por exemplo. No Brasil, foi adotado pela Brasital em Salto, com o nome de “quintalão”. Trata-se de instrumento voltado, principalmente, ao controle do tempo livre. Bratke recomenda que seja *“estabelecida uma disciplina severa de uso”* desses pátios coletivos, pela qual a desobediência aos regulamentos poderia acarretar a perda do direito de uso deles pelos moradores e a remoção de coisas neles depositadas. O uso da expressão “disciplina severa” acima é mais um indício da adesão do arquiteto à lógica de controle do núcleo de empresa.

Outro instrumento, comum na história de núcleos empresariais, recomendado por Bratke, no sentido de estimular nos moradores a busca de um padrão de ordem e conservação das casas, diz respeito à realização de concursos semestrais ou anuais, premiando aspectos como a conservação das casas e a manutenção de quintais e espaços verdes.

Sobre Serra do Navio – acessível apenas pela estrada de ferro da Icomi –, Bratke se solidariza com a ideia de isolamento, comum aos núcleos empresariais. Assim, defende não ser recomendada *“a presença de estranhos nessa zona”* (SEGAWA, 1997, p. 277). De forma contrária, a Vila Amazonas é tratada como um núcleo que deveria sair do controle da Icomi, integrando-se com localidades vizinhas e tornando-se acessível a não empregados da empresa. Entre as duas, a forma inicial é semelhante, mas a diferença em termos de conceito urbano é radical: uma é um típico núcleo empresarial; outra é um núcleo inicial destinado a tornar-se um centro portuário.

Coerente com os propósitos de isolamento que costumam presidir projetos dessa natureza, ambas as vilas foram pensadas como comunidades autossuficientes e capazes de contribuir para atrair para a empresa e reter empregados de diferentes categorias.

Outra tradição recuperada, relativa a núcleos de empresas, diz respeito ao uso de nomes que remetem à atividade produtiva para batizar lugares como, por exemplo, o “Manganês Esporte Clube”.

A ideia da influência civilizadora, do convívio com “pessoas educadas”, sobre o pobre foi amplamente mobilizada na história dos núcleos fabris, desde o século 19. Essa noção do efeito da demonstração do modo de ser e viver dos “educados” sobre os demais é central no “projeto civilizador” de Bratke, e é recuperada por ele, em outras ocasiões, pela sugestão de criação de um “clube de senhoras” e de uma escola artesanal, que teriam – conforme o arquiteto – a finalidade de

[...] congregar as donas de casa, levando o benefício de conhecimentos das de padrão mais elevado às outras, de condições menos favorecidas, transmitindo ensinamentos de costura, manejo de cozinha, boas maneiras, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, p. 295)

Os operários ocupavam mais de 80% das casas, distribuídas em torno de área que concentra prédios de uso coletivo, como comércio, escolas, etc. Para esses, o arquiteto recomendava a venda das casas, desde que condicionada à imposição de regulamentos referentes à conservação das moradias e seus terrenos anexos (SEGAWA, 1997, p. 279). Para o arquiteto, os serviços de saúde, lazer e educação deveriam ser geridos pela Icomi, embora considerasse ideal serem terceirizados. Já as casas no setor destinado a funcionários e chefes – assim como os alojamentos para solteiros – deveriam, conforme Bratke, permanecer de propriedade da empresa. O arquiteto considerava que, administrado de forma exemplar por uma organização especializada nesse mister, esse setor serviria de exemplo aos moradores do outro setor, isto é, aos operários que haveriam de adquirir suas casas.

As casas foram todas orientadas no sentido leste-oeste, porém se evitando um alinhamento retilíneo. Foram dispostas intercalando avanços e recuos, de modo a evitar a monotonia e a formar pequenas praças. Ao justificar essas praças, Bratke recorre a outro procedimento típico de núcleos de empresas, a dispersão dos moradores:

[...] pode-se formar espaços íntimos e agradáveis, como praças de encontros e de brinquedos para as crianças dos conjuntos dessas unidades, evitando as concentrações das mesmas nos espaços públicos, junto aos clubes, centros de compras, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, p. 282)

Entretanto, o arquiteto cria um centro cívico-comercial – reunindo comércio e equipamentos coletivos –, contrariando essa busca de dispersão. A ideia de unidade de vizinhança é recuperada: nenhum equipamento de uso coletivo se distanciava mais de 500 metros das casas, com exceção do hospital, que, conforme práticas sanitaristas consagradas, foi disposto em local isolado.

UM ARQUITETO, UM CLIENTE E UM PROJETO CIVILIZATÓRIO

Os planos e os depoimentos e escritos de Bratke sobre eles revelam uma ampla adesão do projetista ao modelo tradicional do núcleo empresarial, e uma profunda sintonia de propósitos entre o arquiteto e seu contratante, o empresário Augusto Trajano Antunes.

Tal postura surge, de forma clara e sintética, no Relatório Justificativo do projeto, escrito entre 1955 e 1956, em que Bratke expressava uma visão de cidade próxima da ordem dos núcleos empresariais:

Idealmente, uma cidade é uma associação de indivíduos, com o fim de propiciar bem-estar a todos os seus componentes, representado pela segurança pessoal, saúde, educação, respeito mútuo, conforto, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, p. 276)

É a cidade como local limpo, disciplinado e seguro. Essa cidade ideal reúne preceitos sanitaristas e disciplinares que se difundem desde o século 19, e uma noção de segurança, central em núcleos de empresas. Dela estão afastadas as ideias de cidade como local de conflitos, contradições, diversidade, formas complexas e intensas de sociabilidade e, especialmente, todas as noções que articulam a vida urbana à ideia de autonomia e liberdade.

Bratke também compartilha com seu contratante a noção do empreendimento como modelar. O contrato de serviços, feito com o arquiteto em 1955, revela a pretensão da empresa de, por meio do plano dos núcleos residenciais, realizar uma ação que julgava civilizadora em meio à floresta. Em um parágrafo do referido contrato, consta que:

Tendo em consideração o elevado valor e a magnitude das obras e, bem assim, a necessidade da escolha de um profissional que, além de reconhecida capacidade técnica e idoneidade moral, bem compreendesse a excepcional significação social do projeto em apreço, que constitui realmente um trabalho pioneiro, que irá levar os benefícios da civilização a uma região despovoada, em plena selva amazônica [...] (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, p. 21).

Tal sintonia teria permitido a Bratke, ou, propiciado a impressão de permitir, grande autonomia no trabalho de concepção:

Uma das recomendações do dr. Antunes, quando me contratou, foi essa: ele queria um núcleo urbano de excelente qualidade; que pudesse servir de modelo, no país, a futuros empreendimentos do mesmo tipo. A Icomi daria ao arquiteto ampla liberdade de trabalho, para que tal objetivo fosse atingido (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, p. 22).

O projeto, em sua totalidade, não sofreu imposições por parte do cliente quanto a formas ou materiais, pois era sua intenção atender, da maneira mais adequada, os requisitos necessários para o bem estar de seus dependentes e, com a experiência, tirar ensinamentos para o problema dos núcleos habitacionais na região amazônica (BRATKE, 1966, p. 3).

No que toca à concepção e ao uso dos núcleos residenciais, parece ter havido uma grande sintonia de propósitos entre arquiteto e empreendedor. É surpreendente o otimismo das expectativas de Bratke com relação às vilas:

Mantendo-a restrita ao uso da população de empregados da empresa, habituados à disciplina hierárquica, esses logo se adaptam às obrigações e aos regulamentos, simplificando a administração e a manutenção. Bem dirigida, torna-se uma escola de vida gregária, de responsabilidade e respeito mútuos. A presença de uma Companhia dirigindo e administrando essas comunidades deve ser discreta, para não ser antipática (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, p. 36).

Acima, o arquiteto revela simpatia pela rigorosa disciplina, comum em assentamentos desse tipo, recomendando apenas que a empresa exerça seus controles de forma discreta. Contratado para propor uma base espacial para um projeto de ordem social, Bratke assume seu projeto como parte dessa ordem, que concebe como uma mistura de “vida gregária” e respeito a regulamentos. A boa administração, entretanto, não se funda em autonomia e autodeterminação. Ao contrário, baseia-se na ação de direção da Companhia.

O modelo de civilização proposto para a floresta fundamentava-se em um projeto imposto do exterior, por agentes apoiados no poder e legitimados pelo conhecimento técnico. Nesse sentido, não foge à lógica dos projetos civilizatórios que o País conheceu desde o período colonial. Se, no início da colonização, a ação civilizatória articulava o Estado Português, senhores de terras e Igreja, agora ele articula empresa e técnicos, entre os quais arquitetos e engenheiros. Aos últimos, coube traduzir, em projetos, demandas de segurança, salubridade e ordem, coerentes com a eficiência na conquista de novos territórios pelo capitalismo.

REFERÊNCIAS

- BRATKE, Oswaldo Arthur. Núcleos Habitacionais no Amapá. *Acrópole*. n. 326, p. 1-22, mar. 1966.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Princípios de Arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. 2000. 187p. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Vila Amazonas e Serra do Navio. Por que tombar? *DOCOMOMO Nordeste*, 2008.
- CORREIA, Telma de Barros. A Iniciativa Privada e a Transformação do Espaço Urbano e do Território: Brasil, Década de 1950. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 13, 2009, Florianópolis. *Anais... Florianópolis, 2009*. CD-ROM.
- FARAH, Flavio & FARAH, Marta Ferreira Santos. *Vilas de mineração e de barragens no Brasil: retrato de uma época*. São Paulo: ITP, 1993.
- MEURS, Paul. Cenário: Vila Serra do Navio: é hora de tombar a cidade. *AU Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n. 82, p. 20, fev.-mar. 1999.
- OLIVEIRA, J. L. Fleury de. *Amazônia: proposta para uma ecoarquitetura*. 1989. 243p. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- RIBEIRO, Benjamin Adiron. *Vila Serra do Navio: Comunidade urbana na selva amazônica: um projeto do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Pini, 1992.

RODRIGUES, Roberta Menezes. *Company Towns e empresas de extração e transformação mineral na Amazônia Oriental: especificidades, processos e transformações de um modelo urbanístico*. 2001. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento Regional – UFPA-NAEA, Belém, 2001.

SEGAWA, Hugo; WISSENBACH, Vicente. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997.

Nota do Editor

Data de submissão: agosto 2011

Aprovação: março 2012

Telma de Barros Correia

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, doutora FAUUSP e livre-docente pela Universidade de São Paulo. É professora e pesquisadora no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP (até 2010 Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos), onde ministra disciplinas na área de teoria e história da arquitetura e do urbanismo e realiza pesquisas em história do urbanismo, da arquitetura, da habitação e da urbanização no Brasil, com ênfase na história das vilas operárias, núcleos fabris e conjuntos residenciais criados por empresas para seus empregados no Brasil, durante os séculos 19 e 20. É autora dos livros *Pedra: plano e cotidiano operário na sertão* (Papyrus, 1998) e *A construção do habitat moderno no Brasil – 1870-1950* (Fapesp/Rima, 2004) e organizadora da obra *Philip Gunn: debates e proposições em arquitetura, urbanismo e território na era industrial* (Fapesp/Annablume, 2009) e do livro intitulado *Forma urbana e arquitetura de vilas operárias e núcleos residenciais de empresas no Brasil* (Fapesp/Annablume, 2011).

Instituto de Arquitetura e Urbanismo – IAU-USP
Avenida Trabalhador São-Carlense, 400. Centro
13566-590 – São Carlos, SP
(16) 3373-9295
tcorreia@sc.usp.br